

# Modernismos: Poesia

## Texto 1

### Poética

Estou farto do lirismo comedido  
Do lirismo bem comportado  
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente  
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor.  
Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário  
o cunho vernáculo de um vocábulo.  
Abaixo os puristas  
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais  
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção  
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis  
Estou farto do lirismo namorador  
Político  
Raquítico  
Sifilítico  
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja  
fora de si mesmo  
De resto não é lirismo  
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante  
exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes  
maneiras de agradar às mulheres, etc  
Quero antes o lirismo dos loucos  
O lirismo dos bêbedos  
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos  
O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

*(Manuel Bandeira)*

## Texto 2

### Brasil

O Zé Pereira chegou de caravela  
E perguntou pro guarani da mata virgem  
– Sois cristão?  
– Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte  
Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!  
Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!

O negro zonzo saído da fornalha  
Tomou a palavra e respondeu  
– Sim, pela graça de Deus  
– Canhém Babá Canhem Babá Cum Cum!  
E fizeram o Carnaval

*(Oswald de Andrade)*

### Texto 3

A noite desceu. Que noite!  
Já não enxergo meus irmãos.  
E nem tão pouco os rumores que outrora me perturbavam.

A noite desceu. Nas casas, nas ruas onde se combate,  
nos campos desfalecidos, a noite espalhou o medo e a total incompreensão.  
A noite caiu. Tremenda, sem esperança...  
Os suspiros acusam a presença negra que paralisa os guerreiros.

E o amor não abre caminho na noite.  
A noite é mortal, completa, sem reticências,  
a noite dissolve os homens, diz que é inútil sofrer,  
a noite dissolve as pátrias, apagou os almirantes cintilantes!  
Nas suas fardas.

A noite anoiteceu tudo... O mundo não tem remédio...  
Os suicidas tinham razão.

Aurora, entretanto eu te diviso,  
ainda tímida, inexperiente das luzes que vais ascender  
e dos bens que repartirás com todos os homens.

Sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações,  
adivinho-te que sobes,  
vapor róseo, expulsando a treva noturna.

O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos,  
teus dedos frios, que ainda se não modelaram mas que avançam  
na escuridão  
como um sinal verde e peremptório.

Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,  
minha carne estremece na certeza de tua vinda.

O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes  
se enlaçam,  
os corpos hirtos adquirem uma fluidez, uma inocência, um perdão  
simples e macio...

Havemos de amanhecer.  
O mundo se tingem com as tintas da antemanhã  
e o sangue que escorre é doce, de tão necessário  
para colorir tuas pálidas faces, aurora.

*(Carlos Drummond de Andrade)*

#### Texto 4

##### Maria Diamba

Para não apanhar mais  
falou que sabia fazer bolos:  
virou cozinha.  
Foi outras coisas para que tinha jeito.  
Não falou mais.  
Viram que sabia fazer tudo,  
até molecas para a Casa-Grande.  
Depois falou só,  
só diante da ventania  
que vinha do Sudão;  
falou que queria fugir  
dos senhores e das judiarias deste mundo  
para o sumidouro.

*(Jorge de Lima)*

#### Texto 5

##### Mulher ao espelho

Hoje que seja esta ou aquela,  
pouco me importa.  
Quero apenas parecer bela,  
pois, seja qual for, estou morta.

Já fui loura, já fui morena,  
já fui Margarida e Beatriz.  
Já fui Maria e Madalena.  
Só não pude ser como quis.

Que mal faz, esta cor fingida  
do meu cabelo, e do meu rosto,  
se tudo é tinta: o mundo, a vida,  
o contentamento, o desgosto?

Por fora, serei como queira  
a moda, que me vai matando.

Que me levem pele e caveira  
ao nada, não me importa quando.

Mas quem viu, tão dilacerados,  
olhos, braços e sonhos seu  
se morreu pelos seus pecados,  
falará com Deus.

Falará, coberta de luzes,  
do alto penteado ao rubro artelho.  
Porque uns expiram sobre cruces,  
outros, buscando-se no espelho.

(Cecília Meireles)

**Texto 6**

LUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXO LUXO LUXO
LUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXO LUXO LUXO
LUXO	LUXO	LUXO	LUXO LUXO	LUXO LUXO LUXO
LUXO	LUXO	LUXOXO	LUXO	LUXO LUXO
LUXO	LUXO	LUXO	LUXOXO	LUXO LUXO
LUXO LUXO	LUXO	LUXO LUXO	LUXO LUXO	LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXO LUXO LUXO <sup>3c</sup>

Augusto de Campos — 1965

**Texto 7**

**Catar feijão**

1.

Catar feijão se limita com escrever:  
joga-se os grãos na água do alguidar  
e as palavras na folha de papel;  
e depois, joga-se fora o que boiar.  
Certo, toda palavra boiará no papel,  
água congelada, por chumbo seu verbo:  
pois para catar esse feijão, soprar nele,  
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:

o de que entre os grãos pesados entre  
um grão qualquer, pedra ou indigesto,  
um grão imastigável, de quebrar dente.  
Certo não, quando ao catar palavras:  
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:  
obstrui a leitura fluviante, flutual,  
açula a atenção, isca-a como o risco.

*(João Cabral de Melo Neto)*

## Texto 8

### Não há vagas

O preço do feijão  
não cabe no poema. O preço  
do arroz  
não cabe no poema.  
Não cabem no poema o gás  
a luz o telefone  
a sonegação  
do leite  
da carne  
do açúcar  
do pão.

O funcionário público  
não cabe no poema  
com seu salário de fome  
sua vida fechada  
em arquivos.  
Como não cabe no poema  
o operário  
que esmerila seu dia de aço  
e carvão  
nas oficinas escuras

– porque o poema, senhores,  
está fechado: “não há vagas”  
Só cabe no poema  
o homem sem estômago  
a mulher de nuvens  
a fruta sem preço

O poema, senhores,  
não fede  
nem cheira.

*(Fernando Gullar)*

## Exercícios

### 1. Camelôs

Abençoado seja o camelô dos brinquedos de tostão:

O que vende balõezinhos de cor

O macaquinho que trepa no coqueiro

O cachorrinho que bate com o rabo

Os homenzinhos que jogam boxe

A perereca verde que de repente dá um pulo que  
engraçado

E as canetinhas-tinteiro que jamais escreverão coisa  
alguma.

Alegria das calçadas

Uns falam pelos cotovelos:

— “O cavalheiro chega em casa e diz: Meu filho, vai  
buscar um

pedaço de banana para eu acender o charuto.

Naturalmente o menino pensará: Papai está malu...”

Outros, coitados, têm a língua atada.

Todos porém sabem mexer nos cordéis como o tino  
ingênuo de

demiurgos de inutilidades.

E ensinam no tumulto das ruas os mitos heroicos da  
meninice...

E dão aos homens que passam preocupados ou tristes  
uma lição de infância.

*BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.*

Uma das diretrizes do Modernismo foi a percepção de elementos do cotidiano como matéria de  
inspiração poética. O poema de Manuel Bandeira exemplifica essa tendência e alcança  
expressividade porque

- realiza um inventário dos elementos lúdicos tradicionais da criança brasileira.
- promove uma reflexão sobre a realidade de pobreza dos centros urbanos.
- traduz em linguagem lírica o mosaico de elementos de significação corriqueira.
- introduz a interlocução como mecanismo de construção de uma poética nova.
- constata a condição melancólica dos homens distantes da simplicidade infantil.

### 2. Olá! Negro

Os netos de teus mulatos e de teus cafuzos

e a quarta e a quinta gerações de teu sangue sofredor

tentarão apagar a tua cor!  
E as gerações dessas gerações quando apagarem  
a tua tatuagem execranda,  
não apagarão de suas almas, a tua alma, negro!  
Pai-João, Mãe-negra, Fulô, Zumbi,  
negro-fujão, negro cativo, negro rebelde  
negro cabinda, negro congo, negro íoruba,  
negro que foste para o algodão de USA  
para os canaviais do Brasil,  
para o tronco, para o colar de ferro, para a canga  
de todos os senhores do mundo;  
eu melhor compreenda agora os teus blues  
nesta hora triste da raça branca, negro!  
Olá, Negro! Olá. Negro!  
A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro!

LIMA, J, **Obras completas**: Rio de Janeiro, Aguilar, 1958 (fragmento).

O conflito de gerações e de grupos étnicos reproduz, na visão do eu lírico, um contexto social assinalado por

- modernização dos modos de produção e conseqüente enriquecimento dos brancos.
- preservação da memória ancestral e resistência negra à apatia cultural dos brancos.
- superação dos costumes antigos por meio da incorporação de valores dos colonizados.
- nivelamento social de descendentes de escravos e de senhores pela condição de pobreza.
- antagonismo entre grupos de trabalhadores e lacunas de hereditariedade.

### 3. O trovador

Sentimentos em mim do asperamente  
dos homens das primeiras eras...

As primaveras do sarcasmo

intermitentemente no meu coração arlequinal... Intermitentemente...

Outras vezes é um doente, um frio

na minha alma doente como um longo som redondo... Cantabona! Cantabona!

Dlorom...

Sou um tupi tangendo um alaúde!

ANDRADE, M. In: MANFIO, D. Z. (Org.) *Poesias completas de Mário de Andrade*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

Cara ao Modernismo, a questão da identidade nacional é recorrente na prosa e na poesia de Mário de Andrade. Em O trovador, esse aspecto é:

- abordado subliminarmente, por meio de expressões como “coração arlequinal” que, evocando o carnaval, remete à brasilidade.
- verificado já no título, que remete aos repentistas nordestinos, estudados por Mário de Andrade em suas viagens e pesquisas folclóricas.
- lamentado pelo eu lírico, tanto no uso de expressões como “Sentimentos em mim do asperamente” (v. 1), “frio” (v. 6), “alma doente” (v. 7), como pelo som triste do alaúde “Dlorom” (v. 9).

- d) problematizado na oposição tupi (selvagem) x alaúde (civilizado), apontando a síntese nacional que seria proposta no Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade.
- e) exaltado pelo eu lírico, que evoca os “sentimentos dos homens das primeiras eras” para mostrar o orgulho brasileiro por suas raízes indígenas.

#### 4. TEXTO I

O meu nome é Severino,  
não tenho outro de pia.  
Como há muitos Severinos,  
que é santo de romaria,  
deram então de me chamar  
Severino de Maria;  
como há muitos Severinos  
com mães chamadas Maria,  
fiquei sendo o da Maria  
do finado Zacarias,  
mas isso ainda diz pouco:  
há muitos na freguesia,  
por causa de um coronel  
que se chamou Zacarias  
e que foi o mais antigo  
senhor desta sesmaria.  
Como então dizer quem fala  
ora a Vossas Senhorias?

*MELO NETO, J. C. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994 (fragmento).*

#### TEXTO II

João Cabral, que já emprestara sua voz ao rio, transfere-a, aqui, ao retirante Severino, que, como o Capibaribe, também segue no caminho do Recife. A autoapresentação do personagem, na fala inicial do texto, nos mostra um Severino que, quanto mais se define, menos se individualiza, pois seus traços biográficos são sempre partilhados por outros homens.

*SECCHIN, A. C João Cabral: a poesia do menos. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999 (fragmento).*

Com base no trecho de Morte e Vida Severina (Texto I) e na análise crítica (Texto II), observa-se que a relação entre o texto poético e o contexto social a que ele faz referência aponta para um problema social expresso literariamente pela pergunta “Como então dizer quem fala / ora a Vossas Senhorias?”. A resposta à pergunta expressa no poema é dada por meio da

- a) descrição minuciosa dos traços biográficos do personagem-narrador.
- b) construção da figura do retirante nordestino como um homem resignado com a sua situação.
- c) representação, na figura do personagem-narrador, de outros Severinos que compartilham sua condição.
- d) apresentação do personagem-narrador como uma projeção do próprio poeta, em sua crise existencial.
- e) descrição de Severino, que, apesar de humilde, orgulha-se de ser descendente do coronel Zacarias.



---

## Gabarito

1. C
2. B
3. D
4. C